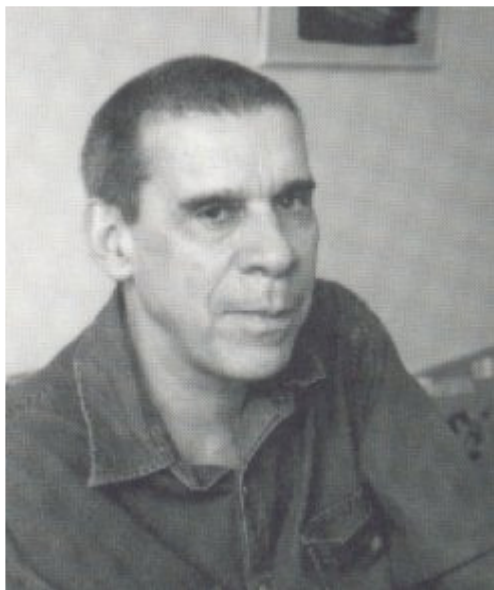


O Monstro

Sérgio Sant'anna



Sérgio Sant'anna

FAMÍLIA NA LITERATURA

SERGIO SANT'ANNA tem dois irmãos também escritores: SONIA SANT'ANNA nasceu em 1938, em Goiás, de onde se origina sua família paterna e IVAN SANT'ANNA tios do também escritor ANDRÉ SANT'ANNA (São Paulo - SP). Carioca, nascido em 1941, iniciou sua carreira de escritor em 1969, com os contos de O Sobrevivente, livro que o levou a participar do International Writing Program da Universidade de Iowa, nos EUA. É conhecido pelo caráter experimental de sua prosa, abordando temas urbanos de forma bastante inusitada.

POR QUÊ?

1968... Esse ambiente existencial e estético, somado às experiências dos anos 70, contribuiu fortemente para a ficção que o escritor veio a fazer, urbana e bastante vinculada ao seu tempo, influenciada também pelas artes plásticas de vanguarda e pelo teatro, com os quais teve íntimo contato. Passando por um constante processo de transformação e explorando a FRAGMENTAÇÃO, a CIRCULARIDADE e UM DISCURSO FICCIONAL DENTRO DE OUTRO, o autor privilegia a RENOVAÇÃO DA ESTRUTURA NARRATIVA.

Recebeu diversas vezes o prêmio Jabuti.

A literatura, para Sérgio Sant'Anna, é intrigante coisa mentale.

Ele é dessa linhagem de criadores que são tanto mais inventivos quanto mais saturados de informações, avesso à chamada literatura de fundação, ao romance crédulo do esquema nacional-popular, Sérgio Sant'Anna segue por outra: conhecedor de todas as trucagens da criação e do texto literário, patichador finíssimo, ele é desses criadores que se movem naquele espaço mínimo, naquela equação artística invisível, naquele rien, quase um art que faz da literatura, literatura.

BIBLIOGRAFIA

- O sobrevivente. Edição Estória (contos, 1969)
 - Notas de Manfredo Rangel repórter. Bertrand Brasil (contos, 1ª edição 1973)
 - Confissões de Ralfo. Rio de Janeiro, Relume-Dumará (romance, 1ª edição 1975)
 - Simulacros. Bertrand Brasil (romance, 1ª edição 1977).
 - Circo. Edições Quilombo (poema, 1980)
 - Um romance de geração. Bertrand Brasil (teatro, 1ª edição 1981)
 - O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro. São Paulo, Ática, (contos, 1982) - Prêmio Jabuti
 - Junk-box - Uma Tragicomédia nos Tristes Trópicos - Poema máquina. Anima, (poesia, 1984)
 - A tragédia brasileira. Rio de Janeiro, Guanabara (teatro, 1984)
 - Amazona, (novela, 1986) - Prêmio Jabuti
 - A Senhorita Simpson. Companhia das Letras (contos, 1989)
 - Breve história do espírito. Companhia das Letras (contos, 1991)
 - O monstro, três histórias de amor.** Companhia das Letras (contos, 1994)
 - Contos e novelas reunidos. Companhia das Letras 1997
 - Um crime delicado. Companhia das Letras (romance, 1997) - Prêmio Jabuti
 - O voo da madrugada. Companhia das Letras (contos, 2003) - Prêmio Portugal Telecom de Literatura Brasileira
 - Antologia de contos - Contos brasileiros contemporâneos - 2ª edição - Clarice Lispector, Dalton Trevisan, Ignácio de Loyola Brandão, João Antônio, José J. Veiga, Luiz Vilela, Lygia Fagundes Telles, Marina Colasanti, Moacyr Scliar, Murilo Rubião, Osman Lins, Ricardo Ramos, Sérgio Sant'Anna, Sílvio Fiorani. Editora Moderna
- Os catorze contos selecionados constituem um panorama do conto contemporâneo.

TEMPORALIDADE

- Uma carta
"Há pouco cantou o primeiro galo".
"Então haverá esse tempo em que ela já terá deixado quem a remeteu, mas ainda não terá alcançado o seu destino." (p. 34)
Percebemos uma passagem de tempo: real, fictícia??
- O monstro
"tempo-necrológio", **NECROLÓGIO**
elogio, oral ou escrito e publicado em periódico, a respeito de alguém falecido porque é marcado por um interminável inventário de desaparecimentos: Frederica, Marieta...
- As cartas não mentem jamais
Desenraizado, o MÚSICO - pianista Antonio Flores
- BUSCA, ATRAVÉS DA NARRATIVA DA PRIMEIRA FASE DE SUA VIDA (cartomante Zenaide),

criar uma CONSCIÊNCIA DE CONTINUIDADE ENTRE PASSADO, PRESENTE E FUTURO, busca reconstituir uma TEMPORALIDADE DESPEDAÇADA

= pela grande mobilidade no espaço que a tecnologia moderna tornou possível,

= pelos ritmos acelerados que regem o cotidiano,

= pela obsolescência rápida dos sistemas técnicos,

= pelo apagamento das fontes e referências.

obsolescência = processo de tornar-se obsoleto

O EROTISMO NA OBRA

Por quê?

Trata-se de se REFUGIAR NA LÓGICA NARRATIVA, que se autonomiza e cria um espaço com leis específicas, no interior do qual o próprio criador é concebido.

AQUELE QUE NARRA É COMO UM DEUS QUE EXERCITA SEU PODER. NO PRINCÍPIO É SEMPRE O VERBO.

VERBO QUE TRANSFORMA O OUTRO EM PERSONAGEM e, ao fazer isso, o submete, determina para ele um lugar de acordo com a conveniência de quem detém as rédeas do discurso.

AS VIVÊNCIAS SÓ ADQUIREM UMA APARÊNCIA DE REALIDADE QUANDO NARRADAS.

EROTISMO = um campo privilegiado porque nele se articulam CORPO e LINGUAGEM, PRESENÇA e AUSÊNCIA.

O EROTISMO NÃO PODE PRESCINDIR DO OUTRO (é preciso existir alguém que sirva de estímulo para a experiência erótica) mas, ao mesmo tempo, tende a anulá-lo, porque só se realizaria plenamente na linguagem, lugar onde o outro se transforma em objeto de um discurso que é articulação racional.

Jogo perigoso que explicita a grande tensão que move a narrativa, entre a NECESSIDADE DO OUTRO — para fazê-lo personagem ou leitor — e, ao mesmo tempo, a elipse desse outro, transformado em SIGNIFICANTE NO INTERIOR DO UNIVERSO FICCIONAL ou em RECEPTOR SILENCIADO DAS PALAVRAS ALHEIAS.

CONTO EPISTOLAR.

Em "A Carta" o que há é o vazio deixado pela ausência física do outro que nutre a narrativa erótica, que dá força ao narrador, chegando ao ponto de a personagem de "A Carta" declarar:

E o que realmente importaria, então, não seria o destinatário, nem mesmo a autora, mas a construção utópica, o gozo do corpo na razão, a carta em sua autonomia.

Neste conto, depois de ter relações sexuais furtivas com um homem casado que passava rapidamente, a trabalho, pela cidade em que vivia, a mulher resolve escrever-lhe uma carta na qual revive os poucos momentos em que estiveram juntos.

O texto é um esforço de prolongamento da relação efêmera.

É através dele que ela conseguirá o prazer que, na ocasião da relação física, apesar de toda a excitação, não conseguiu alcançar.

"A Carta" é, também, uma forma de burlar o estatuto fugaz do encontro, de fazê-lo perdurar à revelia do outro e, ao mesmo tempo, de torná-lo real

ESTILO SANT'ANNIANO

- explora os limites da palavra escrita para transmitir o indizível

- "O tempo todo ele se põe limites e INVESTIGA O PRÓPRIO FAZER LITERÁRIO"

"...um desejo de transformar a literatura em espaço de inúmeras sensações"

- caráter erotizado

"A presença do corpo em sua escrita é constante."

- "Sua inquietação o leva a buscar sempre o novo na construção das histórias, sem deixar de oferecer ao leitor um irresistível prazer."

- MORTE + SEXO

" Procura simbolizar, através da palavra, as ANGÚSTIAS HUMANAS.

- E é através desse limite da palavra, da sua não-plenitude, que Sant'Anna METAFORIZA O FASCÍNIO COM A MORTE E COM O SEXO, que representariam o absoluto, a "fusão perfeita"

- A nós, leitores, cabe entrar neste jogo, penetrando nas entrelinhas dos textos, onde, com certeza, o mistério da literatura se encontra, comprovando que, muitas vezes, o mínimo pode ser "o máximo".

O AMBIENTE

Observam o espaço urbano "com um olhar periférico", que tanto pode partir da janela dos hotéis quanto de dentro de um automóvel com o vidro fechado.

Tanto faz.

Eles estão exaustos de pesquisa, exaustos do que lhes é proposto como realidade.

A ÚNICA VIAGEM QUE, DE FATO, LHEZ INTERESSA É A VIAGEM NO IMAGINÁRIO INDIVIDUAL, com o intuito de reunir vivências fragmentadas num discurso articulado que lhes confira algum sentido, buscando CONSTRUIR UM REAL PARTICULAR, a partir do próprio VERBO (= DA PALAVRA).

A DESREALIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO, com a DILUIÇÃO DOS REFERENCIAIS SENSÍVEIS PARA O INDIVÍDUO, leva-o a sentir-se, mais e mais, como PARTE DE UMA SOCIEDADE ABSTRATA.

A HIPER-RACIONALIZAÇÃO DO DISCURSO é uma forma de tentar escapar à DESREALIZAÇÃO DO PRÓPRIO INDIVÍDUO.

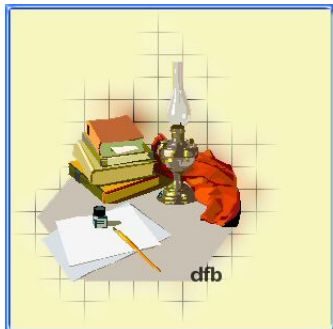
Romance narrado em 1ª pessoa, em três partes, subdivididas em capítulos e numa linguagem que acompanha o vaivém da memória do narrador.

Em comum a marca de um erotismo que talvez seja mais da mente que do corpo e que nunca está isento de um voyeurismo cuja lógica implícita

transforma o leitor em cúmplice de atos tresloucados.

Nas três narrativas, gêneros diversos:

Uma Carta (p. 13 / 35)



CONTO EPISTOLAR um conto em forma de carta

O Monstro (p. 39 a 68)

A Vida depois da Morte (p. 69 / 80)



ENTREVISTA POLICIAL ao repórter Alfredo Novalis, da Revista Flagrante

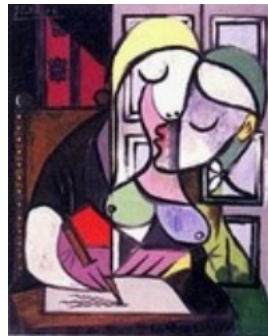
Local: sala da administração da Penitenciária Lemos de Brito, RJ

Encontros autorizados pelo juiz Olavo Bittencourt, da Vara de Execuções Penais

ANTENOR LOTT MARÇAL, prof. de Filosofia estuprou a jovem de 20 anos, deficiente visual FREDERICA STUCKER com a parceria de sua amante MARIETA DE CASTRO

Texto obedeceu a critérios e concordância do entrevistado Antenor introduziu alterações no texto final

Encontros autorizados pelo juiz Olavo Bittencourt, da Vara de Execuções Penais



PICASSO

As Cartas não Mentem Jamais (p. 83 / 146) PAIXÕES RIGOROSAS

PERSONAGENS:

Os personagens, nos três contos, não são capazes de viagem, na acepção de saída de um mundo determinado, porque ESTÃO PRESOS ao único mundo que lhes interessa, ou seja, o MUNDO DAS PALAVRAS, através das quais procuram criar um espaço em que possam se encontrar, como forma de compensação para a perda de sentido da dimensão do real.

Uma carta:

- Carlos (nome fictício do palestrante, ou não)
- Beatriz (como assinou a carta)

O monstro

Antenor: repórter
Frederica e Marieta

As cartas não mentem jamais

- René (pai de Michelle)
- Dra. Dorothy
- Antonio Flores Michelle
- Pianista

Organizado por:



Colégio Raiz e Raiz Cursos
Especiais

www.colegioraiz.com.br

(32)3531-7914 - (32)3531-4624